



Sua Santidade,

A Arquidiocese de Braga, em Portugal, é uma Igreja local com raízes históricas muito antigas e profundas. É tão rico o seu património eclesial e tão vasta a sua tradição cristã que, no nosso país, é apelidada, muitas vezes, de “Roma Portuguesa”. Tal desenvolvimento espiritual e pastoral deve-se, sem dúvida, à acção do Espírito Santo, mas também à multissecular actividade evangelizadora dos seus pastores, alguns dos quais falecidos com fama de santidade e já venerados pela Igreja, como é o caso de São Martinho de Dume, de São Frutuoso e de São Geraldo.

É neste contexto que vimos falar a Vossa Santidade do Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires, um religioso da Ordem dos Pregadores, Arcebispo de Braga de 1559 a 1582. Pela heroicidade das suas virtudes, já em vida foi considerado santo. Não foram poucas as pessoas a apelidá-lo de “Arcebispo Santo”. Desde diocesanos a clérigos e leigos, também vários Padres Conciliares de Trento e por insignes confrades da sua Ordem usaram de tal denominação. Frei Luís de Granada (seu Provincial), Frei Luís de Cácegas (cronista da Ordem), Frei António de Sousa (bispo de Viseu), e Frei Luís de Sousa (autor da sua primeira e incontornável biografia) constituem alguns destes exemplos.

O próprio Papa Pio IV e o seu Secretário de Estado, São Carlos Borromeu, receberam-no reverencialmente quando Bartolomeu, num intervalo dos trabalhos conciliares em Trento, se deslocou a Roma. Pio IV acolheu-o nos seus aposentos, escutou atentamente as propostas de reforma da Igreja e presenteou-o com ofertas pessoais, entre as quais um dos seus anéis e uma azémola, para seu transporte. Para São Carlos Borromeu foi ainda mais determinante o contacto com o Beato Bartolomeu, já que foi dele que recebeu a decisiva ajuda para encetar o caminho de santidade que viria a ser oficialmente reconhecido pela Igreja com a sua canonização.



Entretanto, São Carlos Borromeu iniciou com Bartolomeu uma íntima relação que se prolongaria, através da permanente troca de correspondência, pelo resto das suas vidas de pastores e reformadores da Igreja, tanto em Milão como em Braga. Ambos se deixaram guiar pelo *Stimulus pastorum*, o livro sobre o ministério episcopal que Bartolomeu escreveu. A obra destinava-se a uso pessoal, mas num dos muitos encontros com São Carlos Borromeu, o beato acabou por partilhá-la. Este gesto culminaria na publicação da obra por parte de Borromeu, de tão fascinado que ficou com ela.

O processo oficial de reconhecimento da heroicidade das virtudes e da correspondente santidade do Beato Bartolomeu foi iniciado pouco tempo depois da sua morte pelos seus sucessores na sede bracarense. Constatando a espontânea e profunda veneração que o povo cristão tinha por ele e as inúmeras graças obtidas de Deus, por seu intermédio, ordenaram a recolha de depoimentos entre os fiéis em Braga, Viana do Castelo e outras terras da sua extensíssima Arquidiocese, bem como no Patriarcado de Lisboa, onde nasceu e passou grande parte da sua vida académica.

Em 1631 foi organizado o processo canónico a enviar aos dicastérios da Santa Sé, em ordem ao estudo e reconhecimento final da heroicidade das suas virtudes. No dia 23 de Março de 1845, Bartolomeu dos Mártires foi declarado Venerável pelo Papa Gregório XVI.

A devoção entre o povo de Deus continuou a crescer e, com ela, a oração perseverante. Conhecida a declaração pontifícia, passou a rezar-se também para que, por intercessão do Venerável Bartolomeu dos Mártires, a misericórdia de Deus se manifestasse miraculosamente, de forma perceptível. E, de facto, assim aconteceu, a 14 de Setembro de 1964, dia litúrgico da Exaltação da Santa Cruz, pela qual Bartolomeu dos Mártires sempre teve uma especial devoção. Olímpia da Conceição Costa Madeira Lopes, não sabendo que mais fazer para salvar a filha, Paula Costa Madeira Lopes, de sete meses de idade, vítima de uma meningoencefalite pós-vacínica irreversível, dirigiu-se ao Sanatório do Caramulo para participar na Eucaristia. Era celebrante Frei António do Rosário (O.P.), grande apaixonado pela causa da canonização do Venerável Bartolomeu dos Mártires. Olímpia confessou-se, expondo-lhe o seu estado de alma e de desolação pelo estado enfermo da filha. Frei António confortou-a e propôs celebrar a Eucaristia por essa intenção, recomendando-a à intercessão do Venerável Bartolomeu dos Mártires. Reconfortada pela Eucaristia, Olímpia regressou a casa e dirigiu-se para junto do berço da filha. Fixando nela o olhar, pareceu-lhe contemplar reacções sintomáticas de acentuada melhoria. Chamou o marido, Carlos Alberto Madeira Lopes, pai da criança e médico de profissão, que acorreu de imediato. Depois de um primeiro exame, confirmou o diagnóstico.



Olímpia tinha, não só melhorado, como parecia estar curada. Submeteu então o caso a estudos periciais de dois especialistas que certificaram que a menina, sem qualquer explicação, recebera “a cura instantânea, perfeita, permanente e sem sequelas” de “uma meningoencefalite pós-vacínica”.

O caso percorreu então o itinerário canónico, desde a Cúria Arquidiocesana de Braga, via postulação, até à Congregação para a Causa dos Santos. O estudo pericial a que foi sujeito na Cúria Romana confirmou que o acontecimento era “inexplicável pela ciência”, o que levou os Teólogos Consultores (a 04/05/2001) e a Sessão Ordinária de Cardeais e Bispos (a 11/06/2001) a declararem tratar-se de “um milagre divino”. Na sequência disso, o Papa São João Paulo II declarou (a 04/11/2001, dia litúrgico de São Carlos Borromeu) Bartolomeu dos Mártires como Beato, estabelecendo o 18 de Julho como dia litúrgico da sua veneração oficial.

Para o reconhecimento da santidade do Beato Bartolomeu dos Mártires, em vida e após a sua morte, foi certamente não menos decisivo o seu grandioso contributo para a renovação da Igreja de então. Estávamos no século XVI, um dos períodos mais conturbados da história da Igreja. A vida de muitos dos seus principais responsáveis era dominada pelo fausto e pela busca, por vezes desenfreada, de promoções e títulos honoríficos, com o conseqüente desleixo religioso. São conhecidas as revoltas que daí resultaram levadas a cabo em vários pontos da Igreja e que, por parte de alguns dos seus fautores, conduziram à dolorosa cisão com a Igreja de Roma e à formação de outras confissões cristãs que perduram até aos nossos dias.

Também o Beato Bartolomeu dos Mártires ansiava pela reforma da Igreja, mas não por esse caminho e com esse desfecho. A reforma que ele firmemente defendeu e encetou, apresentou-a, em plena comunhão eclesial, na terceira fase do Concílio de Trento. Tratava-se de uma reforma para a qual há muito se preparava, quer pela sua opção por um modo de viver simples e despretenso, piedoso e dedicado, de frade dominicano, quer pela sua reconhecida actividade académica de docente de teologia. E foi assim que entrou em Braga como arcebispo e, logo no primeiro ano do seu episcopado, recebeu a convocatória para o Concílio. Foi o primeiro bispo transalpino a chegar a Trento. Aí, desde a primeira hora, apostou todas as suas energias de teólogo e pastor, acreditando na novidade de um tempo de graça e de renovação que, apesar das muitas adversidades, havia de surgir, no e do Concílio de Trento, para toda a Igreja. Os resultados sonhados apareceram pela acção do Espírito Santo, mas também pelo impulso singular do “Santo Arcebispo” que – à maneira de uma “trombeta de Deus”, como ele gostava de classificar-se – se manifestou, não apenas como porta-voz da ala renovadora do Concílio,



mas também como testemunha viva do que já tinha começado e iria continuar a praticar no meio das suas ovelhas.

Frei Bartolomeu privilegiou a formação dos futuros presbíteros com a fundação do seminário, o primeiro em toda a cristandade depois do Concílio de Trento. Teve em especial atenção a formação permanente dos sacerdotes, escrevendo o “Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais”, para com ele instruírem os fiéis. Fez questão de uma permanente presença junto dos cristãos da Arquidiocese, visitando de três em três anos (ou quatro, quando já se encontrava mais debilitado) todas as suas 1260 paróquias. Durante toda a sua vida teve um cuidado generoso e permanente pelos mais pobres e infelizes, partilhando com eles uma grande parte dos seus bens, pessoais e diocesanos.

Olhando para a sua biografia e as opções pastorais que nortearam o seu ministério episcopal, podemos afirmar que Bartolomeu dos Mártires foi um profundo evangelizador em plena sintonia com a espiritualidade e a teologia da *Evangelii gaudium*.

Por tudo o que acabamos de expor e que a seguir completamos, e confiando na Vossa Paternal atenção, vimos suplicar a Vossa Santidade, Papa Francisco, a graça da canonização equipolente do Beato Bartolomeu dos Mártires. Também gostaríamos de solicitar, se possível, a sua declaração como Doutor da Igreja, tendo presente a influência que a sua doutrina pode vir a ter na vida dos cristãos de todos os tempos. Alicerçamos a solicitação desta graça na profunda convicção das vantagens que o seu culto generalizado poderá trazer a toda a Santa Igreja.

† Jorge Ferreira da Costa Ortiga  
*Arcebispo Primaz*